

Missão associativa a Moçambique foi 100% positiva

JN

VALE A PENA APOSTAR NOS PALOP

2/9/91

— dizem jovens empresários

A missão da Associação Nacional de Jovens Empresários Portugueses (ANJE) em Maputo foi «100% positiva» e pode ter aberto «algumas portas» à instalação de empresários em Moçambique, disse ontem Paulo Barros Vale.

De acordo com o presidente da ANJE, os resultados da iniciativa mostram que «vale a pena apostar» nos PALOP.

O responsável associativo revelou que fará chegar ao Governo português aqueles resultados, acrescentando existirem «hipóteses de acção» da ANJE em Moçambique ao nível da formação profissional e da criação de apoios para «facilitar» a instalação de empresas no território africano.

Para Paulo Vale, a política externa de Portugal em relação aos países africanos de língua oficial portuguesa tem «falta de dinamismo, dimensão e profundidade».

«O aumento da política de cooperação portuguesa com África é uma questão estratégica que o Governo não pode esquecer», disse à agência «Lusa» o presidente da ANJE, sublinhando a necessidade de Portugal «garantir um papel activo» no futuro dos PALOP.

Em jeito de balanço da missão a Maputo, os jovens empresários afirmaram que existe «um forte diferencial entre vontade e investimento real» devido a factores como a guerra em Moçambique, as dificulda-

des burocráticas e de financiamentos e a elevada carga fiscal.

Para além de referirem como objectivos da deslocação a Maputo as «prospecções», «primeiros contactos» e «observações do mercado», os empresários portugueses trazem, contudo, na bagagem alguns contratos e «boas perspectivas» de negócios.

Desde a quase certa montagem em Moçambique de uma marca de motociclos portuguesa até à formação profissional em informática de deficientes em instituições estatais, os jovens empresários moveram-se por diversos campos de actuação, com primazia para o sector informático, de mobiliário de escritório e do serviços.

De acordo com a generalidade dos 20 jovens integrantes da missão empresarial, Moçambique «poderá ser um bom mercado em termos de indústria», mas os «estrangulamentos» são «muitos e preocupantes».

Todos partem do princípio de que uma eventual aposta no território moçambicano terá de partir de uma «joint venture» com um empresário local, mas, para muitos dos jovens empresários

portugueses, os seus homólogos africanos, apesar de «quererem e podem» investir, «não sabem como, nem quando, nem onde».

«É um país que precisa de tudo e é por isso um potencial mercado», disse um dos componentes da missão, adiantando pensar que os moçambicanos, mesmo ao mais alto nível, «não sabem muito bem o que querem».

Uma das ideias comuns às duas dezenas de jovens empresários é a necessidade de um papel «mais interventor» de Portugal em termos de política externa.

«Se não for feita alguma coisa a relação que existe entre os dois países vai morrer», adiantou um dos empresários para quem a sua geração «tem grandes responsabilidades» nesta matéria.

«É preciso que o Governo português apoie Moçambique, não só com palavras mas com dinheiro», referem os jovens empresários.

A missão da ANJE, que ontem terminou, encontrou-se durante seis dias com vários membros do Governo moçambicano e instituições estatais, para além de ter dezenas de reuniões particulares de negócios. Fonte da Associação revelou que os jovens empresários vão realizar ainda este ano duas novas missões a Angola e Cabo Verde.